

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES
CURSO DE HISTÓRIA

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU

N.º 1052

Data 13/03/97

**A IMPORTÂNCIA DA MULHER
NEGRA NA CASA GRANDE**

Elizete França

Monografia desenvolvida sob a orientação da professora
Christina da Silva Roquette Lopreato do curso
de História da UFU visando cumprir
os créditos necessários à disciplina
Monografia II - Seminário de Pesquisa.

Uberlândia - Dezembro de 1996



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

00891-A IMPORTANCIA DA MULHER NEGRA NA C
S

Autor: FRANCA, ELIZETE

Trad.: \\\

Edit.: UFU
UBERLANDIA

MG

S(8)
(m).
2 exn.

1152

**A IMPORTÂNCIA
DA MULHER NEGRA
NA CASA GRANDE**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

*Dedico esse trabalho ao grupo
de dança afro da UFU, todas as
entidades envolvidas com a cultura
afro-brasileira, e todos os descendentes
dessas mulheres negras maravilhosas
que fizeram a nossa história.*



AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus que me inspirou com sua sabedoria Divina para a realização desse trabalho e está presente comigo em todos os momentos.

Sou sinceramente grata ao meu amigo Aldir Gracindo que me hospedou em sua e percorreu comigo os arquivos e bibliotecas de Salvador, me ajudando nas pesquisas com documentação histórica.

A Andréa Diogo, minha amiga, e colega de vários trabalhos artísticos, que mais uma vez com seu talento e criatividade fez as ilustrações do meu trabalho, meu sincero agradecimento.

Agradeço a professora Carmem Balbino por aceitar o convite para participar da banca.

A Christina Lopreato pela orientação e incentivo durante a realização de todo o trabalho, a minha gratidão.

Agradeço ao professor Edilson Fernandes de Souza , juntamente com todos do grupo de dança afro, que preservam a cultura negra e que me incentivaram em meu trabalho.

Agradeço ao Geraldo Veiga, ao João Francisco Natal Greco, ao Ronaldo Ferreira e Katiúsce, pela assistência em me ajudar na digitação do trabalho.



A minha irmã Helena Maria França, sua filha Thays França Rezende juntamente com a “ama-de-leite”, que foram a inspiração da minha pesquisa, meu humilde agradecimento.

Ao professor Iozaino pelo apoio ao montar meu projeto, e pelo empréstimo de alguma documentação, meus agradecimentos sinceros.

A minha querida e amada mãe Irani da Mota, que sempre me apoiou e incentivou, se dedicando ao máximo para o meu bem estar, para que pudesse ter tranquilidade em realizar a pesquisa, minha eterna gratidão.

Agradeço ao professor João Marcos, que desde o início do meu projeto me apoiou, incentivou e me deu coragem para que eu procurasse a orientadora.

Aos meus colegas de curso que por uma ou outra razão me apoiaram nesse processo, muito obrigada.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	página 01
CAPÍTULO I: <i>A mulher negra nos afazeres domésticos</i>	página 05
CAPÍTULO II: <i>Mucama, a negra companheira</i>	página 10
CAPÍTULO III: <i>A negra como objeto de prazer</i>	página 18
CAPÍTULO IV: <i>A mulher negra como ama-de-leite</i>	página 27
CAPÍTULO V: <i>A negra alugada</i>	página 33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	página 38
BIBLIOGRAFIA.....	página 40
FONTES PRIMÁRIAS.....	página 42



INTRODUÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

A IMPORTÂNCIA DA MULHER NEGRA NA CASA GRANDE

Elizete França

INTRODUÇÃO

"... O negro, nos seus defeitos e qualidades específicas, é responsável pela maioria das nossas características de homem e de povo".

João Dornas Filho.

Existem na vida momentos e acasos. Momentos documentados com vasta memória fotográfica, gravada por diversos meios tecnológicos. Momentos explorados em ângulos diferentes, pela filosofia, pela história. O que é o acaso senão um momento que por algum motivo não recebeu o tratamento de um "fato eleito pela história tradicional"? E esse acaso trouxe-me certo dia a experiência de que necessitava para, dentre outras coisas, descobrir a temática norteadora deste trabalho.

Ao nascer minha sobrinha Thays, aconteceu um fato casual, mas que chamou minha atenção. A mãe da criança, não tendo condições físicas necessárias para amamentá-la, teve que correr em auxílio de uma mãe-de-leite. Diante de tal cena, e sendo a senhora uma mulata, logo me veio em mente as Casas Grandes, as sinhazinhas, as amas-de-leite, as escravas, que tanto já vi em filmes, ou mesmo li em livros. E isto me despertou o interesse em saber se na época da escravidão as senhoras brancas percebiam o valor, a importância e a necessidade das mulheres negras na formação da família, nos cuidados da Casa Grande, enfim em toda a sociedade patriarcal.



Isto tudo me instigou e me despertou o interesse em pesquisar e explicitar os valores perdidos no tempo e na memória. São estes os aspectos intrigantes que justificam o intento de me aprofundar nesse tema.

Pesquisar sobre a mulher, em especial a mulher negra, e ainda querendo ressaltar sua importância numa sociedade patriarcal e machista, não parece ser tarefa muito fácil.

No início da pesquisa percebe-se a dificuldade de investigar tal tema, pois ao fazer o levantamento de referências bibliográficas nota-se o pouco que se escreveu sobre a mulher negra, e menos ainda o que se falou de sua importância junto a família patriarcal brasileira.

Os livros geralmente tratam do negro em geral, raramente especificando a mulher negra. Esta, quando citada no âmbito das reflexões sócio-histórica, não toma muito espaço e passa como um assunto que deve ser tratado rapidamente.

Gilberto Freyre em sua obra **Casa Grande e Senzala**, especificamente nos capítulos 4 e 5, "O escravo negro na vida sexual e da família do brasileiro", procura mostrar os aspectos intrínsecos que formaram a sociedade brasileira, colocando aí como parte salutar e íntima a figura do negro, não só enquanto escravo, mas como membro da "democracia racial", onde aparece a mulher negra como parte da sociedade, cujas funções eram ser ama-de-leite dos recém-nascidos e também iniciadora sexual dos filhos dos latifundiários.

Em **Sobrados e Mucambos**, o autor supracitado, descreve no capítulo 2 "O engenho e a praça: a casa e a rua", as lidas diárias dos negros, ligando-as com a estrutura patriarcal e o desenvolvimento urbano, e pontilha algumas vezes a figura da mulher negra como a responsável pelo trabalho doméstico, bem como por serviços externos.

Na mesma obra, no capítulo 10 "Escravo, animal e máquina", de forma polida, o autor retrata o negro como alguém servil que é capaz dos maiores



sacrifícios para satisfação de seus senhores. As negras lidam com a venda de elementos oriundos das terras do senhor, as vezes feitas por elas, trabalho que faz parte da estrutura patriarcal da sociedade que marginaliza o negro e o trabalho braçal e o branco enquanto mentor intelectual.

Mary Del Priore no livro **A Mulher na História do Brasil**, no capítulo 4 "Ser mãe na colônia", mostra as dificuldades das mulheres brancas para lidarem com sua prole, e o quanto elas buscavam nas mulheres negras um ponto de apoio, no sentido de amamentá-los e realizar os cuidados mais urgentes. Isto, muitas vezes, impedia tais amas-de-leite de cuidarem dos próprios descendentes.

Maria Odila Leite da Silva Dias na sua obra **Quotidiano e poder**, no capítulo 5 "Escravas e forras de tabuleiro", trabalha a questão do papel da mulher negra na sociedade, partindo das lidas domésticas e chegando a explicitar o serviço externo de vendedoras de utensílios caseiros, cujos ganhos eram revertidos em benefício de seus proprietários.

Sônia Maria Giacomini em seu livro **Mulher e Escrava** descreve e narra nos capítulos 3,4 e 5 intitulados "As mães pretas", "A mulher escrava enquanto objeto sexual", "A senhora e a escrava", a certa cumplicidade que havia entre os senhores e certas escravas, o que redundava em envolvimento sexual. Um fato que choca de tanto realismo é o caso da mulher negra ser explorada comercialmente como amamentadoras de aluguel. A exuberância física das negras constituía-se como objeto de desejo dos patriarcas.

Através dessa bibliografia básica, documentos de época, como jornais e outros autores consultados, pretendemos extrair dados sobre o papel da mulher negra na família patriarcal, especialmente na Casa Grande e de como foi necessária a sua existência para formação da sociedade brasileira.

Dessa forma, o nosso trabalho irá mostrar a presença da mulher negra e sua contribuição junto à família patriarcal, traçando sua trajetória desde os afazeres



domésticos na Casa Grande, o seu trabalho como mucama, amante e ama-de-leite, indo para as ruas como amas de aluguel, garantindo assim, muitas vezes, o sustento da Casa Grande.

A nossa pesquisa objetiva resgatar o papel da mulher negra na Casa Grande e sua importância na sociedade escravista colonial e imperial do Brasil.

Por mais que se tente negar a importância da mulher negra na Casa Grande, é impossível imaginá-la sem as molecas, mucamas e amas-de-leite, pois dependiam delas toda uma geração de futuros senhores de engenho, senhores de café, enfim os "poderosos" que fizeram a economia do País.



CAPÍTULO I

A MULHER NEGRA

NOS AFAZERES

DOMÉSTICOS





Capítulo I

A Mulher Negra nos Afazeres Domésticos

“ Porque a máquina cara, difícil, complicada, de moer isso, de fazer aquilo, quando havia o negro, fácil, simples, barato para moer isso e fazer aquilo?”.

Gilberto Freyre

Desde a arrumação dos quartos às artes culinárias, ali estava ela: a mulher negra. Sempre atenta e submissa e como uma máquina incansável, não parava nunca. Não tinha folga, nem férias, nem salário. Cozinhava, lavava, passava, costurava, cuidava da casa e da família. Sob as ordens da sua senhora, a negra via seus dias passar naquele suplício sem fim, sem esperanças, e muitas vezes aceitava sua condição e ainda tinha amor e carinho pela mesma família que a explorava, humilhava e lhe dava castigos. Sônia Maria Giacomini relata que,

“Mucamas, amas-de-leite, cozinheiras, bordadeiras, lavadeiras, engomadeiras etc foram incorporadas ao espaço privilegiado das senhoras, ou seja, à esfera doméstica”.¹

Nos trabalhos domésticos de cada dia, a negra deixava de lado sua própria família para cuidar da família de seus senhores. Ao ficar na Casa Grande, deixava para trás todos os companheiros de senzala, marido e filhos. Isso não se questionava, já que a negra tinha que cumprir uma função física e trabalhar para manter o bem-estar de todos da Casa Grande. Os seus senhores jamais reconheceram na negra um ser humano, uma mulher, mãe e esposa.

¹ GIACOMINI, Sônia Maria. *Mulher e Escrava*. “ Uma Introdução Histórica ao Estudo da Mulher Negra no Brasil”. /Petrópolis, RJ: Vozes, 1988, 95 píl - p.73



Ainda moleca de 11 ou 12 anos, ia para Casa Grande aprender os serviços domésticos, e antes do amanhecer já estava de pé, cuidando da lida e deixando tudo em “ordem ” para a comodidade e bem-estar da família patriarcal. Gilberto Freyre observou que ,

“Nos engenhos as leis de nobreza à brasileira obrigavam a se receber o viajante a qualquer hora com bacia de prata, com toalha de linho, um lugar na mesa, uma cama ou uma rede para dormir. Tudo trabalho que as mucamas faziam com as mãos de anjo; mas dirigidas pela senhora de engenho ou pela dona da casa que raramente aparecia a quem não fosse parente próximo pelo sangue ou compadrio”.²

A presença da negra na cozinha era constante. Ali preparava o alimento diário de seus senhores e se especializou em quindins, quitutes e tantas outras guloseimas, que mais tarde lhe serviram para o seu sustento, e de sua família, e muitas vezes , a venda de tais doces, garantiu a sobrevivência de famílias patriarcais falidas. Mas, isto é um assunto a ser tratado posteriormente.

Tirada de sua pátria, suas tradições e costumes, a mulher negra, ao chegar no Brasil, se deparou com um mundo avesso ao seu. Dos utensílios domésticos até a própria arquitetura da casa, tudo lhe era novo e estranho e, no entanto, ela foi obrigada a enfrentar tudo isso, e mais ainda, cuidar desse novo mundo com todas suas forças. De acordo com Nice Riss one,

“Contribuíam eficazmente para o desenvolvimento ameno da família dos brancos e da economia do país, trabalhando também na lavoura, sem esperar ou julgar-se credora de nenhuma compensação”.³

² FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos*. Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento Urbano. 5. ed. Rio de Janeiro. J. Olympio, Brasília, INL, 1977. p. 37 e 38.

³ RISSONE, Nice. *Quem Libertou a Mulher Negra?* Cadernos Brasileiros, X, n. 3 (Maio- Junho de 1968), p.42.



Os trajes usados pela família patriarcal eram luxuosos e mereciam cuidados especiais e tratamento delicado. E, mais uma vez, ali estava a negra, que com o maior desvelo cuidou da aparência de homens, mulheres e crianças para representarem bem o seu papel na sociedade, destacando dessa forma o poder dos latifundiários.

A vaidade das senhoras de engenho era tanta, que seus vestidos eram modelos copiados dos últimos lançamentos da moda da Europa, mais especificamente, de Paris. E para atender tais vaidades e caprichos, a negra era quem sofria as torturas para realizar tais costumes a contento de suas patroas. Segundo June Mahner,

*"Quase todas as senhoras fazem os seus próprios vestidos, ou pelo menos cortam-nos e arranjam-nos para as escravas costurarem pelos últimos figurinos de Paris. Sentam-se no meio de um círculo de negrinhas ... O olhar da patroa faz a agulha andar mais depressa."*⁴

Desse modo, as molecas faziam os ricos e complicados vestidos das sinhás e sinhazinhas, contribuindo assim para ostentação de luxo de uma classe. E, desde molecas, sabiam as negras, que jamais poderiam usar tais vestidos, pois conheciam muito bem sua condição de escrava.

Molecas e "pretas-velhas" viviam pelas Casas Grande, lidando diariamente num árduo trabalho de manter tudo arrumado, a gosto dos senhores. Numa época em que não havia tecnologia e tudo era feito manualmente, a complicada tarefa de manter uma casa "abastecida" de água, fogo e alimentos foi muito bem desempenhada pelas negras.

As senhoras, na maioria das vezes histéricas, não cansavam de dar ordens aos "berros", e estavam sempre a exigir a perfeição de algo que, muitas vezes, nem sabiam fazer. Muitas senhoras ainda se queixavam de ter que dar ordens às escravas.

⁴ MAHNER, June E. *A Mulher no Brasil*. Coleção: Retratos do Brasil - Volume 112. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro - 1978. p.60.



Achavam isso um trabalho muito árduo, ainda mais se possuísem dezenas delas pela Casa Grande. Isso lhes parecia uma tarefa estafante. Gilberto Freyre assinala que,

*“Uma dama da alta classe no Brasil declarou que havia perdido inteiramente a sua saúde na interessante ocupação de repreender negrinhas, de que possuía algumas dezenas, e não conhecia que ocupação lhes dar a fim de evitar que vadiassem.”*⁵

Dessa forma, a negra passava seus dias convivendo, na maior parte das vezes, com senhoras estéricas e sádicas, que tinham prazer em castigá-las por qualquer motivo por mais simples que fossem. Senhoras mal-amadas, que casavam ainda crianças e tinham por maridos, coronéis bem mais velhos que poderiam ser seus pais, ou mesmo seus avós. Maridos, a quem as senhoras deviam obediência e total submissão. Talvez por tal situação, gostassem tanto de castigar as negras, pois estas eram as pessoas mais próximas a elas. As senhoras aproveitavam para desabafar todo seu descontentamento, maltratando assim suas escravas. No dizer de June Mahner,

*“Quando se apresentava a oportunidade, na ausência do marido, as esposas frustradas amiúde voltavam-se contra as escravas suspeitas ordenando aos capatazes que marcassem seus rostos à fogo, ou as chicoteassem até a morte”.*⁶

No período colonial e imperial da história, marcado por muita crueldade, a mulher negra esteve presente com seu trabalho, seu suor, sua força e seu corpo. Enquanto a mulher branca teve todos os privilégios de não precisar cuidar da lida de sua casa, a não ser para dar ordens e vigiar o serviço, a mulher negra foi usada como um animal, uma coisa que servia para atender as necessidades de uma raça. E na lida diária soube cuidar do arranjo de uma casa. Manteve o bem estar da família

⁵ FREYRE, Gilberto. Op. cit p. 60.

⁶ MAHNER, June E. Op. cit p. 69.



cuidando de todos os detalhes, desde cortar a lenha, até enfeitar com vasos de flores a Casa Grande. De acordo com Sônia Maria Giacomini,

*“À senhora caberia gerenciar a unidade doméstica na qual, o grosso das tarefas corresponderia a escravos e escravas”.*⁷

Dessa maneira, a negra e a branca estiveram presentes nos afazeres domésticos, cada qual com sua função. A negra, como escrava incansável sempre a trabalhar sem direito a nada questionar e tudo fazendo para a ostentação de luxo e comodidade dos brancos, enquanto a mulher branca na sua ociosidade teve tudo pronto e a mão. E para que isso ocorresse, era necessário apenas uma ordem, que era imediatamente cumprida pela negra. Conforme nos mostra Gilberto Freyre,

*“Havia certamente senhores que só enxergavam nos escravos máquinas como que feitas de madeira ou de ferro”.*⁸

⁷ GIACOMINI, Sônia Maria. Op. cit p.74.

⁸ FREYRE, Gilberto. Op. cit p. 525.



CAPÍTULO II

MUCAMA: A NEGRA

COMPANHEIRA



CAPÍTULO II

MUCAMA, A NEGRA COMPANHEIRA.

“ Nos duros tempos da escravidão, a mucama, a criada dos sobrados e a mulher do eito eram negras e mestiças”.

Nice Rissone

Desde a mais tenra idade as meninas e meninos de família patriarcal, se acostumavam a companhia constante de suas mucamas. As mucamas eram quem lhes vestiam logo ao se levantar, e cuidavam de sua aparência. Estavam sempre prontas para cumprir ordens, mesmo que essas viessem de crianças. Eram mais que “apenas” escravas. Serviam de babá, dama de companhia, de brinquedo, e qualquer outra coisa que fosse do agrado dos “ioiozinhos” e das “iaiazinhas”. Foram mulheres que dedicaram a vida, servindo outras pessoas.

Nas Casas Grandes, era raro ver uma senhora que cuidasse dos próprios filhos, já que estes, ainda bebês, eram entregues nas mãos das negras, para que lhes dessem até de mamar. Por isso, desde cedo, as crianças se acostumavam à companhia das mucamas, e muitas vezes se apegavam a elas com muito carinho. Como nos mostra Gilberto Freyre,



"Muito menino brasileiro do tempo da escravidão foi criado inteiramente pelas mucamas. Raro o que não foi amamentado por negra. Que não aprendeu a falar mais com a escrava do que com o pai ou a mãe"¹.

A mucama, escrava criada na Casa Grande, lidava com toda espécie de serviço. Ajudava as outras escravas nos seus afazeres diários, mas sua principal função era cuidar dos membros da família, e atender suas necessidades e vontades.

Com as crianças da Casa Grande, as mucamas tinham uma atividade bem diferenciada. Cuidavam do seu bem-estar, contavam histórias, cantavam, brincavam, enfim, faziam de tudo para divertir as crianças, e com isso era garantido o sossego dos pais. As crianças geralmente se apegavam às suas mucamas, pois estas estavam sempre em sua companhia. E quando tinham de se separar por algum motivo, como estudos, casamento, ou mesmo a venda da mucama, ambas as partes sofriam muito.

Mas, nem sempre existiu carinho por parte das crianças em relação a negra, e vice-versa. Havia crianças sádicas que gostavam de judiar de suas negrinhas, tomando-as como saco de pancadas, onde as crianças lhes açoitavam e faziam a maior farra. E também deve ter tido mucama que puxou orelha de menino levado, e, lhe deu bons beliscões.

¹ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Formação da Família Brasileira Sob o Regime da Economia Patriarcal. 20. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, Brasília, INL, 1980. (573 p), il. p.349-350.



Na medida que iam crescendo, os sentimentos das crianças iam modificando com relação às suas mucamas. Nos meninos, era comum os sentimentos de ternura e carinho transformarem-se em desejo e luxúria. A mucama ~~teria~~ *então* que satisfazer tais desejos.

As meninas, ao se tornarem mocinhas, ou seja, as sinhazinhas, tinham toda uma relação de cumplicidade com as mucamas. Contavam-lhe seus segredos, e até pediam conselhos em certos casos. As mucamas lhes contavam estórias, cantavam modinhas, e amoleciam assim, o coração das moçoilas casadoiras. Como observa Gilberto Freyre,

*" Histórias de casamento, de namoros, ou outras; menos românticas, mas igualmente sedutoras, eram as mucamas que contavam às sinhazinhas nos doces vagares dos dias de calor, a menina sentada, à mourisca, na esteira de pipiri, cosendo ou fazendo renda; ou então, deitada na rede, os cabelos soltos, a negra catando-lhe piolho, dando-lhe cafuné; ou enxotando-lhe as moscas do rosto com um abano. Suprira-se assim para uma aristocracia quase analfabeta a falta de leitura. Modinhas e canções, era ainda com as mucamas que as meninas aprendiam a cantar _ essas modinhas coloniais tão impregnadas do erotismo das Casas-Grandes, e das senzalas; do erotismo dos ioiôs nos seus derreios pelas mulatinhas de cangote cheiroso ou pelas priminhas brancas."*²

²FREYRE, Gilberto. Op. cit p. 341.



As mucamas tinham uma relação muito estreita com as sinhazinhas, tornando-se quase uma amiga íntima, já que falavam de todos assuntos. A mucama era quem vestia e despia as sinhazinhas, conhecendo assim a nudez do corpo das sinhazinhas, como sua própria nudez.

As mucamas serviam suas sinhazinhas de todas as formas. Levavam e traziam recados, marcavam encontros, as acompanhavam, vigiavam, e tudo faziam para satisfazer tais sonhos românticos e encontros amorosos.

Também as sinhás eram cuidadas por suas mucamas. Mesmo depois de casadas, ainda eram vestidas e penteadas por elas. As sinhás tinham em suas mucamas, uma companheira de todas as horas. A mesma mucama que lhe acompanhava enquanto menina, na maioria das vezes, ia com sua sinhazinha quando essa casava.

Houve mucamas que não tiveram filhos, e não fizeram outra coisa na vida, a não ser servir à família patriarcal. E os sentimentos dessa família tornavam os sentimentos das mucamas, pois essas se alegravam com a felicidade deles, e também sofriam por eles nos momentos difíceis.

Do mesmo modo que houve meninos levados, também teve sinhazinhas rebeldes, que mais tarde se tornariam sinhás histéricas e sádicas. E com essas senhoras, as mucamas souberam ser ladinas, conseguindo algumas vezes escapar dos castigos e açoites impostos por suas sinhás. No entanto, havia sinhás que eram por demais cruéis, e



adoravam castigar suas mucamas com as próprias mãos. Dessas, nem sempre as mucamas se livraram.

Mesmo diante de tais atrocidades, a mucama esteve presente na Casa Grande, e foi companheira de todos. Zelou pela saúde física da família patriarcal e soube cuidar da higiene de seus senhores, melhor que eles mesmos: “ *Liturgia e prática higiênica a que se submetiam as próprias pessoas da casa antes de se recolherem às suas camas ou às suas redes, nas Casas-Grandes e nos sobrados nobres, havendo mucamas que se especializavam na arte não só de lavar os pés dos ioiozinhos como na de livrá-los dos bichos causadores de comichões, a princípio voluptuosos, depois irritantes ou incômodos.*”³

Como teria se arranjado as sinhás e as sinhazinhas na vida das fazendas, tão distantes da cidade, numa vida de rotina e solidão, se não fosse a companhia das mucamas? Mais do que prestar serviços domésticos, as mucamas eram damas de companhia, pessoas com as quais as senhoras e suas filhas podiam desabafar suas aflições, contar suas angústias e segredos, e ainda aprender muito da vida.

Nem sempre as Casas Grandes tiveram família numerosa. Ocorreram casos de família composta apenas por senhor e senhora. Outras que eram formadas por um único filho ou filha. E foi nesses casos de solidão que se fez imprecindível a presença da mucama.

³ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento Urbano. Sed. Rio de Janeiro. J Olympio, Brasília, INL, 1977. p. 512.



Com muita criatividade, as mucamas criavam estórias ou contavam estórias de seus antepassados. Dessa forma, preenchiam com ilusão e esperança os corações solitários das sinhás e sinhazinhas. E cantava pela Casa Grande suas modinhas e canções, enchendo de alegria o ambiente deprimido, conseguindo proporcionar entretenimento à família.

Mais do que simples mucama, a mulher negra foi o braço direito das mulheres brancas nos tempos das famílias patriarcais. E na falta das senhoras, souberam cuidar de toda a Casa Grande, e dar atenção a todos os seus moradores.

As sinhazinhas tinham sempre por perto suas mucamas. E nos momentos de tristeza e solidão, amores mal resolvidos, eram essas mulheres negras que lhes consolavam, lhes faziam cafuné e, mais que isso, lhes davam afeto e amor.

Quantas vezes as sinhazinhas amanheciam de cara amarrada e infelizes da vida, e aproveitava as mucamas para descontarem seu rancor. Davam broncas, humilhavam lembrando-lhes a condição de negra, quando não infringiam-lhes os castigos físicos e cruéis.

E as mucamas, terão tido um dia na vida em que se levantaram de mal-humor? Será que aproveitaram para descontar sua ira, puxando os cabelos das sinhazinhas ao penteá-las? Ou seriam as mucamas como máquinas, que eram criadas apenas para executar tarefas?

Os relacionamentos entre as mucamas e a família patriarcal ocorrendo de forma pacífica e agradável de ambas partes, ou sendo uma relação conturbada, não



fazia grande diferença na vida da mulher negra. Afinal, a branca, por mais carinhosa que fosse com sua escrava, era sempre quem mandava, e tinha o poder de ter a negra a sua disposição. E a escrava, era quem, com amor ou ódio, cumpria o seu papel, servia. Com dor, sofrimento, ou satisfação, a mucama seguia assim, sua vida de servidão, *“desde a arte culinária à maneira de amar e de sofrer”*.⁴

Todavia, apesar de todos os atropelos, as mucamas até foram felizes, nas Casas Grande na medida do possível. Quando eram bem tratadas, se apegavam e tinham prazer em servir e colaborar com a felicidade da raça branca.

Mas quem realmente foi conquistada pelas mucamas, foram as sinhazinhas. Essas quando se agradavam de sua negra de companhia, tinham muita confiança e até alguma consideração. A vida das sinhazinhas quiçá teria sido ainda mais difícil e complicada sem suas negras. Como bem observou Gilberto Freyre,

“Sabe-se que enorme prestígio alcançaram as mucamas na vida sentimental das sinhazinhas. Pela negra ou mulata de estimação é que a menina se iniciava nos mistérios do amor. “A mucama escrava”, observa no meado do século XIX o romancista Joaquim Manuel de Macedo, o célebre d’A Moreninha, “embora escrava, é ainda mais que o padre confessor e do que o médico da donzela: porque o padre confessor conhece-lhe apenas a alma, o médico, ainda nos casos mais graves de alteração da saúde, conhece-lhe imperfeitamente o

⁴ DORNAS FILHO, João. *A escravidão no Brasil*. Volume 17, Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1939, p. 210.



*corpo infêrmo, e a mucama conhece-lhe a alma tanto quanto o padre - e o corpo
mais do que o médico”⁵*

⁵ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. p. 340-341.



CAPÍTULO III

A MULHER NEGRA

COMO OBJETO DE

PRAZER



CAPÍTULO III

A NEGRA COMO OBJETO DE PRAZER

"A sexualidade da escrava aparece para o senhor livre de entraves ou amarras de qualquer ordem alheia à procriação, às normas morais e à religião, desnudada de toda série de funções que são reservadas às mulheres brancas, para ser apropriada num só aspecto: objeto sexual."

Sônia Maria Giacomini.

A negra era vista dessa forma: como um objeto que pudesse proporcionar prazer aos homens, já que estes estavam longe de ter qualquer "moral", ou sentimentos. O corpo da mulher negra foi sempre explorado em todos seus aspectos. Aquela que tinha obrigações de manter tudo em ordem, também tinha como tarefa, servir a cama do seu senhor quando este a quisesse.

Os senhores patriarcais, na maioria das vezes, mantinham suas amantes negras na própria Casa Grande. A negra amante ali permanecia e mantinha o seu papel de escrava, servindo aos desejos de seu senhor, sempre que este a procurava. E existiu senhoras que sabiam dos casos de seus maridos com as negras, e até entendiam, pois acreditavam que os homens tinham as suas "necessidades". Mas, nem sempre foi assim. Sinhás com personalidades mais fortes não admitiam tal situação e lutavam contra isso. Só que nessa luta quem perdia e sofria as conseqüências era a negra.



Enquanto as senhoras brancas representavam o papel de senhoras puras, castas e santas, as negras representavam a perdição, tentação e a própria encarnação do diabo.

E como a negra estava sempre em atividade física, cumprindo suas tarefas diárias, seu corpo se mantinha em forma, e as poucas roupas que usava deixava aparecer sua silhueta. Isto fazia com que os senhores brancos se sentissem mais atraídos e seduzidos pelo corpo sensual da negra, já que suas senhoras estavam sempre “ajambradas”, com muita roupa, saias, espartilho, anquinhas, e além de tudo, eram esposas e mães, não amantes. Conforme relatos de Sônia Maria Giacomini,

“ senhoras, mães, castas, puras e brancas contrapõem-se as escravas infanticidas, sensuais, lascivas e imorais, sem religião e negras ”.¹

As senhoras brancas, na ociosidade dos tempos patriarcais, se deixavam engordar depois de casadas. Uma boa esposa e mãe tinha que possuir um corpo rechonchudo, de senhora direita e honesta. Acostumadas a não fazer nada, as senhoras brancas passavam horas sentadas, e quando saíam para passear sempre iam em seus palanquins e liteiras, quase nunca andavam a pé. Tornavam-se portanto, gordas e moleironas, enquanto a negra mantinha um porte altivo e um andar que mostrava toda sua sensualidade. Como bem observou Sônia Maria Giacomini,

“ O corpo das senhoras é produto de condicionantes materiais e ideológicos que nele imprimiram e acentuaram características distintas da

¹ GIACOMINI, Sônia Maria - *Mulher e Escrava*. “Uma Introdução Histórica ao Estudo da Mulher Negra no Brasil”. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988, 95p: il, p.77.



*brancura e ociosidade. Ele revela o confinamento e a procriação consecutiva. O corpo da escrava, por sua vez, responde a um minucioso processo de seleção no qual a aparência funciona como índice de seu "valor de uso sexual".*²

Condenada assim a satisfazer os desejos dos brancos, a negra seguia sua vida, esperando que o senhor logo a trocasse por outra e a deixasse em paz. Apesar dos brancos não questionarem e nem se importarem com a condição feminina, as negras foram mulheres que amaram e desejaram. Mesmo quando tudo isso lhe foi proibido, elas não deixaram de lado seus sentimentos de mãe, esposa, amante.

Para o branco, o negro era apenas uma mercadoria como outra qualquer. E a procriação destes estava ligada ao lucro. Não era apenas uma criança que nascia, mas, uma mercadoria que iria aumentar a riqueza do senhor. O relacionamento entre os negros era visto assim, como uma junção mecânica, com a finalidade de produzir determinado produto, nada mais. Desse modo, a negra cumpria sua função de máquina, deixando para um plano secundário sua vida pessoal e sentimental. Giacomini assinala que,

*"As relações- "familiares" e sexuais entre os escravos , quando possíveis, necessariamente levariam as marcas e deveriam se adaptar à inevitável sujeição sexual da escrava ao senhor".*³

Os senhores mais afoitos não conseguiam esconder seus instintos nem em público, e nos leilões de escravos, mostravam deliberadamente seu interesse por

² GIACOMINI, Sônia Maria. *Mulher e Escrava*. p. 76.

³ Idem, p.70.



determinada negra, e não mediam esforços para conseguí-la durante o leilão. A negra quando bonita, já sabia o que a esperava. Seria usada por seu senhor até que ele se cansasse, e depois vendida a outros senhores, que iria fazer o mesmo. Conforme Giacomini,

"A ideologia corrente que associa a negra ao prazer sexual do branco, , identificando em seu corpo agente de estupro institucionalizado, fez recair também sobre a escrava, como se não bastasse a objetificação sexual, inconfessáveis sentimentos de inveja das senhoras".⁴

Senhores de engenho seduzidos plenamente pela negra, chegavam ao ponto de não se conterem, fazendo com que suas senhoras, humilhadas, se revoltassem contra a negra. E quando isso acontecia, a culpa jamais era de seus maridos, mais sim, da negra. Acreditavam as senhoras que a negra usava de feitiçarias para seduzir os homens brancos, e ainda andavam quase nuas, deixando assim o corpo quase a mostra, fazendo com que os homens a desejasse. E, iradas pelo ciúme e ofendidas por serem "trocadas" por uma negra, as senhoras brancas foram capazes de castigos demasiadamente cruéis. No dizer de Gilberto Freyre,

" Não são dois nem três, porém muitos os casos de crueldade de senhoras de engenho contra escravas inermes, sinhá-moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de

⁴ GIACOMINI, Sônia Maria. *Mulher e Escrava*. p.79.



idade que por ciúmes ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou orelhas. Toda uma série de judiarias".⁵

Mas nem só os senhores se aproveitavam sexualmente da negra. Os sinhozinhos, ainda adolescentes, já se misturavam com as negrinhas ou molecas. Afoitos, jovens e cheios de energia, esses meninos começavam cedo um caminho sem volta. De acordo com Gilberto Freyre,

"Um tanto por efeito do clima, muito em consequência das condições de vida criadas pelo sistema escravocrata, antecipou-se sempre a atividade sexual, através de práticas sadistas e bestiais. As primeiras vítimas eram os muleques e animais domésticos, mais tarde é que vinha o grande atoleiro da carne: a negra ou a mulata. Nele é que se perdeu, como em areia gulosa muita adolescência insaciável".⁶

Enquanto as sinhazinhas se mantinham trancadas dentro de casa, aos sinhozinhos foi dada toda liberdade de correr pelas fazendas, brincar com os moleques da senzala, e com as mucamas. E mesmo criança, souberam usar seu poder de dono para submeter a negra aos seus caprichos. Conforme observou Gilberto Freyre,

⁵ FREYRE, Gilberto - *Casa Grande e Senzala*. Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. 220 ed.: Rio de Janeiro, J. Olympio; Brasília, INL, 1980 (573p.),il. p.337.

⁶ Idem, p.371.



“Dai fazer-se da negra ou mulata a responsável pela antecipação da vida erótica e pelo desbragamento sexual do rapaz brasileiro”.⁷

Na época colonial em que predominou a família patriarcal, onde a sociedade brasileira foi mais machista do que nunca. Era vantagem para os senhores de engenho contar as traquinagens dos sinhozinhos e saber que andavam metidos com mulheres. Caso contrário, se fossem mais recatados e tímidos, logo receberiam o apelido de “maricas”. E não somente os pais se preocupavam com a reputação do filho, mas também as mães se preocupavam com as atitudes dos filhos. Gilberto Freyre assinala que,

“Referem as tradições rurais que até mães mais desembaraçadas empurravam para os braços dos filhos já querendo ficar rapazes e ainda donzelos - negrinhas ou mulatinhas capazes de despertá-los da aparente frieza ou indiferença sexual”.⁸

De acordo com esse pensamento machista da época, os sinhozinhos que logo se envolvessem com as negras tinham grande reconhecimento na sociedade da qual faziam parte, pois reafirmavam assim o nome de sua família, utilizando de sua macheza, mostrando aos outros que era um homem. Como nos mostra ainda Gilberto Freyre,

“O que sempre se apreciou foi o menino que cedo estivesse metido com raparigas. Raparigueiro, como ainda hoje se diz. Femeeiro. Deflorador de

⁷ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. p. 371.

⁸ Idem, p. 372.



*mocinhas. E que não tardasse em emprenhar negras, aumentando o rebanho e o capital paternos".*⁹

Dessa maneira, o sinhozinho, além de saciar seus desejos sexuais, ganhava prestígio dos amigos e a negra ainda contribuía para o aumento da fortuna da família. E destes relacionamentos apareceu a raça mestiça, homens e mulheres que apesar de serem filhos de pais brancos, eram escravos e bastardos. Mas isto nunca foi questionado, afinal a negra era um mero instrumento nas mãos de seus senhores. De acordo com Gilberto Freyre,

*"O que se queria era que os ventres das mulheres gerassem. Que as negras produzissem muleques".*¹⁰

Tanto senhor, quanto sinhozinho, usaram e abusaram do seu poder de homem e de dono, fazendo da negra um objeto sexual capaz de saciar-lhes as vontades. E esse abuso de poder foi cometido duplamente: Contra a mulher e a escrava. Eles usaram da força masculina contra a mulher, e o poder de branco, contra a escrava negra. Nos dizeres de Gilberto Freyre,

*" Se este foi sempre o ponto de vista da Casa Grande, como responsabilizar -se a negra da senzala pela depravação precoce do menino nos tempos patriarcais? O que a negra da senzala fez foi facilitar a depravação com a sua docilidade de escrava; abrindo as pernas ao primeiro desejo do sinhô-moço. Desejo não: ordem".*¹¹

⁹ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. p. 372

¹⁰ Idem. p. 317

¹¹ Idem. p. 372



Mas nem toda negra possuía docilidade e inocência. Teve negra esperta que soube aproveitar do assédio sexual dos homens, fazendo deles escravos de seu próprio desejo. Negra “vistosa” e “bem feita de corpo”, seduziu senhores de grandes fortunas, e com sua sensualidade e até mesmo magia, conseguiu prender estes homens que, apaixonados, lhe fazia todos os caprichos e vontades. No relato de João Dornas Filho,

*“Mas, a negra, com esse instinto felino que caracteriza o sexo, tinha também a sua compensação, aproveitando-se da concupiscência do senhor branco. Por meio de bebestiagens e feitiços, que ella acreditava influir no animo amoroso dos homens, trazia-os rendidos ao seu capricho”.*¹²

Mesmo quando a negra teve seus privilégios enquanto amante do senhor, isto não a tornou um ser humano, uma mulher capaz de amar e sofrer. Para a sociedade patriarcal, a negra sempre foi um objeto que servia para determinadas tarefas, e no caso de amantes, foi um mero objeto de prazer nas mãos de seus senhores. Não fosse o interesse do homem branco pela negra, a virtude das sinhazinhas poderia ser comprometida, e os homens teriam que ser mais cautelosos e concentrar sua energias em outros afazeres. Como escreve João Dornas Filho,

“Foram os corpos das negras, às vezes meninas de dez annos, que construíram, na architettura moral do patriarchado brasileiro, o blóco formidavel que defendeu dos ataques e afoitezas dos don Juans, a virtude das senhoras

¹² DORNAS FILHO, João. *A Escravidão no Brasil*. Volume 17, Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1939. p. 222.



brancas. A virtude das senhoras brancas apoiou-se em grande parte na prostituição da escrava negra"¹³.

¹³ DORNAS FILHO, João. *A Escravidão no Brasil*. p. 221.



CAPÍTULO IV

A MULHER NEGRA

COMO

AMA-DE-LEITE



CAPÍTULO IV

A MULHER NEGRA COMO AMA-DE-LEITE

"Peito farto e generoso que nos deu com o leite, com a delícia dos cafunês sonnolentos, com a magia das histórias contadas ao pé do fogo, essa nostalgia meio amarga e meio resignada que nos opprime e nos diversifica..."

João Dornas Filho

As senhoras brancas do período colonial e imperial do Brasil casavam cedo. Eram ainda meninas, de 12 ou 13 anos, e já estavam casadas. Portanto, eram mães na adolescência. Essa concepção tão jovem fazia com que as crianças brancas passassem aos cuidados da ama negra. Já que a recente mãe, na sua debilidade física e inexperiência, não conseguia cuidar da criança e nem mesmo amamentar.

A mulher negra, ao dar a luz na mesma época que sua senhora, iria para a Casa Grande para amamentar as crianças brancas. Tornava-se uma ama-de-leite, tendo que amamentar o filho do senhor, e deixar sua cria de lado, ou para um segundo plano.

O sinhozinho branco já nascia necessitando da negra. Era ela quem o alimentava com seu próprio leite. Enquanto a senhora branca, na sua fraqueza genética, ou talvez comodidade, se apresentasse incapacitada, era a ama negra que cuidava do recém-nascido, lhe prestando todos os cuidados necessários. E para isso,



seu filho negro era largado de lado e, as vezes, até mesmo abandonado. De acordo com Sônia Maria Giacomini,

"Para que a escrava se transformasse em mãe-preta da criança branca, foi-lhe bloqueada a possibilidade de ser mãe de seu filho preto. A proliferação de nhonhês implicava o abandono e a morte de moleques".¹

O papel de mãe na vida de uma escrava só era questionado no sentido dessa prestar serviços à criança branca, pois sendo a negra uma mãe recente, estava apta para a mais preciosa missão: nutrir com seu leite uma outra pessoa. O corpo negro alimentava e embalava o corpo branco. O contato da negra com a criança branca era um gesto de doação, de afeto, sem nenhuma recompensa.

As senhoras brancas, por mais que estivessem sempre cercadas por riquezas e luxos, não estavam imunes a doenças e fraquezas. E ser mãe não era tarefa fácil, num país onde a medicina estava longe de ser uma ciência conhecida e desenvolvida.

As meninas se casavam, na maioria das vezes, sem conhecer o significado do casamento e, menos ainda, sobre a tarefa de ser mãe. Os nascimentos eram feitos por parteiras sem a mínima condição de higiene. Daí mãe e criança saírem debilitadas do parto. Isso quando não morria mãe, ou criança, e as vezes as duas.

Nessa fraqueza branca, a negra, apesar de suas privações e os suplicios diários, possuía uma resistência física superior as brancas. E no seu vigor, com seu

¹ GIACOMINI, Sônia Maria. *Mulher e Escrava*. Uma Introdução Histórica ao Estudo da Mulher Negra no Brasil. Petropolis, RJ: Vozes, 1988, 95p. il. p. 57.



leite “forte”, era trazida para a Casa Grande, não apenas para amamentar uma criança, mas para dar a vida a esta criança.

A ama-de-leite tinha uma relação muito forte com as crianças que amamentava. Praticamente era a ama que cuidava da educação da criança. Ensinava-lhe a falar, andar e, dessa forma, através de palavras, cantigas de ninar e estórias, um pouco de cultura afro foi sendo transmitida aos “brasileirinhos”.

As crianças passavam mais tempo com a ama-de-leite do que com seus pais. E nesse relacionamento de tempo integral com sua ama, as crianças conquistaram o coração da negra, fazendo com que esta se afeiçoasse aquele “pinguinho” de gente. E, da mesma maneira, muita criança branca, depois de crescida, ainda tinha carinho e respeito pela sua “bá”.

De acordo com Gilberto Freyre,

“A figura boa da ama negra que, nos tempos patriarcais, criava o menino lhe dando de mamar, que lhe embalava a rede ou o berço, que lhe ensinava as primeiras palavras de português errado, o primeiro “padre-nosso”, a primeira “ave-maria”, o primeiro “vote”, ou “oxente”, que lhe dava na boca o primeiro pirão com carne e “molho de ferrugem”, ela própria amolegando a comida - outros vultos de negros se sucediam na vida do brasileiro de outrora. O vulto do muleque companheiro de brinquedo. O do negro velho, contador de histórias. O da mucama. O da cozinheira. Toda uma série de contatos diversos importando em novas relações com o meio, com a vida, com o mundo. Importando em



experiências que se realizavam através do escravo ou à sua sombra de guia, de cúmplice, de curandeiro ou de corruptor".²

Diante do absurdo que foi a escravidão no Brasil e as atrocidades cometidas contra os negros, percebe-se que a vida dos brancos se devia em grande parte, ao leite da negra, da ama que alimentava com sua vida, a família branca. Torna-se complicado nos dias atuais, imaginar a falta de consideração com a raça negra nos tempos patriarcais. E, mais ainda, não reconhecer a importância fundamental da negra na família branca. Quantas crianças brancas sobreviveram graças ao leite de sua ama negra?

A negra já não é mais apenas uma máquina que arruma, e cuida da casa. Seu corpo, nesse momento, se transforma e passa a ser o alimento básico de um ser. E nessa transformação lhe é vetado o direito de mãe. Sua criança é colocada de lado e o seu leite será de outra pessoa, e não de sua cria. Conforme observou Sônia Maria Giacomini,

"As negras separadas de seus filhos correspondem negrinhas e negrinhos separados de suas mães".³

Para servir de ama a uma criança branca, não bastava apenas ser uma negra recém parida. Era necessário mais qualidades. Entre negras e mulatas, a futura ama-de-leite deveria se enquadrar nas exigências dos senhores. Tinha uma seleção, uma escolha entre as escravas, e a que apresentasse melhores condições seria escolhida.

² FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patricial. 20 ed. Rio de Janeiro. J. Olympio; Brasília, INL, 1980. (573p.). p. 336.

³ GIACOMINI, Sônia Maria. Op. cit. p. 55.



Afinal, a escrava escolhida iria morar na Casa Grande, e cuidar de uma criança branca. Tais critérios de seleção foram assinalados por Gilberto Freyre,

*“A negra ou mulata para dar de mamar a nhonhô, para niná-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, cuidar-lhe da roupa, contar-lhe histórias, às vezes para substituir-lhe a própria mãe - é natural que fosse escolhida dentre as melhores escravas da senzala. Dentre as mais limpas, mais bonitas, mais fortes”.*⁴

Apesar da necessidade da ama-de-leite, havia comentários acerca da amamentação ser feita por uma negra. A raça branca possuía um certo medo. O receio era de que o leite da ama pudesse contaminar a criança. Acreditava-se que a personalidade da escrava fosse transmitida através da amamentação.

Mary Del Priore relata que,

*“Havia também a crença de que o leite era condutor de qualidades morais à criança. Os “cordeiros” podiam ser facilmente contaminados pela lascívia das “cabras”, que representavam as más amas-de-leite”.*⁵

O que os “comentaristas” da época não sabiam, ou não diziam, é que ao invés da ama negra contaminar a criança branca, era a negra que muitas vezes era contaminada pela criança que amamentava. Nos tempos em que a sífilis era uma doença incurável, e uma moléstia que se alastrava, algumas crianças já nasciam sifilizadas.

No dizer de Gilberto Freyre,

⁴ FREYRE, Gilberto. Op. cit. p. 352.

⁵ PRIORE, Mary Del. *Ao Sul do Corpo*. Condição Feminina, Maternidades e Mentalidades no Brasil Colônia. p.251



“É igualmente de supor que muita mãe negra, ama-de-leite, tenha sido contaminada pelo menino de peito, alastrando-se também por esse meio, da Casa-Grande à senzala, a mancha da sífilis”.⁶

A existência da criança negra era necessária para que sua mãe produzisse o alimento tão precioso e indispensável na vida da família patriarcal: o leite materno. Mas, depois de ter cumprido seu papel e aberto o caminho para uma produção farta, é necessário que se retire de cena, pois este alimento agora pertence a uma outra criança: a branca.

Conforme mostra Sônia Maria Giacomini,

“Enquanto a amamentação da criança escrava servia à preservação da “mercadoria escrava-leiteira” dela pode se beneficiar o filho da ama. Mas, a partir do momento que surge em cena o bem-nascido, imediatamente cada um dos escravos é recolocado no seu devido lugar; a escrava, na função de reprodução no interior da família branca; e “cria”, no espaço reservado aos filhos daqueles cuja prole não pode prosperar pela ausência de uma esfera privada que assegurasse a reprodução- a Casa da Rôda”.⁷

Dessa maneira, a mulher negra esteve presente na vida da família patriarcal, onde atuou até como força nutriz, fornecendo alimento com o seu próprio corpo para os descendentes dessa mesma família.

⁶ FREYRE, Gilberto. Op. cit. p.317.

⁷ GIACOMINI, Sônia Maria. Op. cit. p. 56.



CAPÍTULO V

A NEGRA

ALUGADA



CAPÍTULO V

A NEGRA ALUGADA

Não foi somente na Casa Grande que a negra esteve presente. Em certos casos, quando a família patriarcal passou por dificuldades financeiras, a negra foi para a rua para o sustento da Casa Grande. Além das tarefas que cumpria dentro de casa, também foi trabalhar fora, e o dinheiro arrecadado era trazido para os seus senhores.

Na Casa Grande, ao lidar na cozinha a negra se especializou em várias iguarias. E quando foi para as ruas, usou a arte culinária e encheu tabuleiros e foi vender quindins e quitutes. Conforme relata Maria Odila Leite da Silva,

“Escravas de tabuleiro, vendendo quitutes e biscoitos, alternavam-se com vendedoras (livres, caipiras.), de garapa, aluá e saúvas fêmeas e peixes”.¹

Por trabalhar nas ruas, a negra foi chamada de várias formas: Escrava de tabuleiro, negra de ganho, ama-de-aluguel. Isso foi mais comum nas cidades do que nos engenhos, e acentuou-se no final do período imperial devido a falta de mão-de-obra escrava, em virtude da proibição do tráfico de negros. Portanto, a negra de ganho foi ganhando espaço e, as vezes, seus serviços eram procurados e oferecidos nos anúncios de jornais, como por exemplo:

“Precisa-se de uma ama que saiba cosinhar e que entenda alguma cousa de engommar prefere-se escrava. Para tratar

¹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no Século XIX*. Ana Gertrudes de Jesus, São Paulo, brasiliense, 1984, 198p. il. p.115



na rua do Tira-Chapéu casa n. 10". (Diário da Bahia - Sábado, 3 de janeiro de 1863).

Ama para servir

"Aluga-se uma crioula que compra, cozinha e engomma bem; quem a quizer dirija-se à Praça de Palacio, casa n. 33." (Diário da Bahia, Sexta-feira, 13 de março de 1863).

"Quem precisar de alugar huma escrava de boa conducta e sabe cozinhar muito bem, e engommar, pode procurar por cima da loja de Manoel José Dias Correia, no primeiro andar, que alli achará quem a quer". (Gazeta da Bahia, Quarta-feira, 3 de março de 1830).

"Preciza-se alugar huma mulher de côr, que saiba cozinhar sofrivelmente, e tratar do garantir arranjo da casa de hum homem solteiro; quem estiver nas circunstancias, fale nesta Typographia que se lhe dirá quem a pretende". (Gazeta da Bahia, Quarta-feira, 19 de maio de 1830).

Dessa forma, a negra foi alugada para prestar serviços fora da casa dos seus senhores. Além dos afazeres domésticos prestados em outras casas, e a vendagem de guloseimas nas ruas, a negra também foi alugada como ama-de-leite. O seu leite foi alugado e teve o seu preço, mas quem lucrou com esse negócio foram os seus senhores. Quem alugava a ama, recebia dinheiro e quem pagava pela ama, recebia o alimento para sua criança. As amas-de-leite eram oferecidas em anúncios de jornais. Vejamos alguns exemplos:



Página não encontrada no original.

veículo condutor de leite, e quanto mais produzisse melhor, pois seria alugada ou vendida por melhores preços

Mas, não era apenas o leite da negra que era comercializado pelos senhores. A carne negra também fazia parte do comércio. A negra satisfazia com seu corpo os desejos dos senhores e ainda rendia muito lucro ao ser alugada a terceiros. A negra era explorada e obrigada a vender seu corpo nas ruas, tavernas ou mesmo cais.

A prostituição negra, além de garantir boas rendas para os senhores e senhoras brancas, também salvou a honra das mulheres da raça branca, pois a negra estando “disponível” e ao alcance do homem branco para satisfazer suas “necessidades” físicas, a mulher branca era “poupada” e sua integridade preservada, para ocupar o lugar de esposa e mãe, senhora virtuosa e honesta, deixando para a negra o papel de amante e meretriz. No dizer de João Dornas Filho,

“Havia senhores que exploravam a prostituição das suas negras, como fazem os caftens modernos.”²

As mulheres brancas também tiveram participação na prostituição da negra. E algumas se sustentaram com esse comércio. A escrava, muitas vezes, era conduzida à prostituição, levada pela própria senhora branca. Gilberto Freyre assinala que,

“Atribuem alguns cronistas da escravidão grande importância à prostituição das negras e mulatas exploradas pelos brancos. Mas, admitida uma exceção ou outra, não foram senhoras de família, mas brancas desclassificadas,

² DORNAS FILHO, João. *A escravidão no Brasil*. Volume 17, Editora Civilização brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1939. p. 221.



que assim exploravam as escravas. Às vezes negrinhas de dez e doze anos já estavam na rua se oferecendo a marinheiros enormes, grangazás ruivos que desembarcavam dos veleiros ingleses e franceses com uma fome doida de mulher. E toda essa superexcitação dos gigantes louros, bestiais, descarregava-se sobre mulequinhas; e além de superexcitação, a sífilis; as doenças do mundo - das quatro partes do mundo; as podridões internacionais do sangue."³

Desse modo, enquanto os senhores brancos balançavam em suas redes, na maior ociosidade, a mulher negra se desdobrava para cumprir suas tarefas. Tanto nos afazeres domésticos, deixando a casa em ordem, nas ruas vendendo quitutes, em outras casas prestando serviços domésticos, amamentando outras crianças e mesmo vendendo seu corpo, sustentou com seu trabalho escravo o bem-estar da raça branca.

³ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. 20 ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, Brasília, INL, 1980. (573p.). p. 449.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não seria anti-histórico nem melodramático afirmar num rápido esboço sobre a mulher negra e mestiça, que ela suportou e ainda suporta uma das situações mais penosas dentro da nossa organização social”.

Nice Riss one

Ao iniciarmos nossa pesquisa e por se tratar de um tema que fala sobre um assunto ainda pouco pesquisado, percebemos a escassez de documentação acerca de tal temática. A falta de referências bibliográficas e de fontes em geral dificultou o nosso trabalho. Mesmo diante de tais barreiras, fomos atrás de documentação e nos esforçamos para cumprir nossos objetivos e realizar esse trabalho.

No decorrer dos capítulos foi mostrado a presença constante da mulher negra junto a família patriarcal e como ela foi fundamental na vida dessa família. Nos afazeres domésticos, como mucama, amante, ama-de-leite ou mesmo alugada, e tendo de trabalhar nas ruas ou em outras casas, sua presença foi necessária. Mesmo



estando em todos os lugares servindo ao grupo branco dominante, a negra não teve sua importância reconhecida.

Durante todo o trabalho, a negra aparece duplamente discriminada e explorada- por ser escrava e por ser mulher. Tratada como “coisa” e obrigada a servir a classe branca de todas as maneiras, a negra atuou, ao mesmo tempo, como trabalhadora e como mercadoria e, em qualquer desses papéis, estava sempre servindo aos seus senhores e sendo fonte de renda dos mesmos.

Portanto, esperamos que a nossa pesquisa possa contribuir para outros pesquisadores que desejam conhecer mais um pouco sobre o papel da mulher negra na vida da família patriarcal e que também possa ser útil aos estudiosos e interessados nesse aspecto da cultura negra. Não há como negar a presença fundamental que a negra teve durante todo o período colonial e imperial, junto a classe branca dominante. João Dornas Filho, ressalta que:

“Desde a cosinha até o aleitamento dos filhos, o negro estava presente com a humilde ascendência da sua bondade, da sua operosidade silenciosa, da sua experiência secular que ia modificando imperceptivelmente os hábitos e os costumes. Essa ascendência começava nos primeiros dias do senhor branco, que recebia pelo leite e pela criação os effluvios da mãe preta”¹.

¹DORNAS FILHO, João. *A Escravidão no Brasil*. Volume 17, Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro. 1939. p. 210.



BIBLIOGRAFIA

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. Ana Gertrudes de Jesus, São Paulo, Brasiliense, 1984, 198 p. Il.

DORNAS FILHO, João. *A Escravidão no Brasil*. Volume 17, Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1939

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. 20 ed.: Rio de Janeiro, J. Olympio; Brasília; INL, 1980, 573 p., il.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento Urbano. 5 ed. Rio de Janeiro. J. Olympio, Brasília, INL, 1977.

GIACOMINI, Sônia Maria. *Mulher e Escrava*. "Uma Introdução Histórica Estudo da Mulher Negra no Brasil". Petrópolis, RJ : Vozes, 1988, 95 p. Il.

PRIORE, Mary Del. *A Mulher na História do Brasil*. Coleção pensando a história. [Ilustrações, Debret] . São Paulo: Contexto, 1988. 64 p. Il.



PRIORE, Mary Del . *Ao Sul do Corpo*. (Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia).

MAHNER, June E. *A Mulher no Brasil*. Coleção retratos do Brasil . Coleção retratos do Brasil - volume 112. Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro - 1978.

RISSONE, Nice . *Quem Libertou a Mulher Negra?*, Cadernos Brasileiros, X. Número 03 (maio - junho de 1968), pp. 139-40, 42-48.



FONTES PRIMÁRIAS

JORNAIS:

Diário da Bahia, Seção annuncios, número 02; sábado, 03 de janeiro de 1863; arquivo público do Estado da Bahia - Salvador, BA.

Diário da Bahia, Seção annuncios, número 59; sexta-feira, 13 de março de 1863; arquivo público do Estado da Bahia - Salvador, BA.

Diário da Bahia, Seção annuncios, número 01; sexta-feira, 02 de janeiro de 1863; arquivo público do Estado da Bahia - Salvador, BA.

Diário da Bahia, Seção annuncios, número 27; quarta-feira, 04 de fevereiro de 1863, arquivo público do Estado da Bahia - Salvador, BA.

Diário da Bahia, Seção annuncios, número 15; terça-feira, 20 de janeiro de 1863, arquivo público do Estado da Bahia - Salvador, BA.

Gazeta da Bahia, Seção avisos, número 17; quarta-feira, 03 de março de 1830, arquivo público do Estado da Bahia - Salvador, BA.

Gazeta da Bahia, Seção avisos, número 39; quarta-feira, 19 de maio de 1830, arquivo público do Estado da Bahia - BA.

